

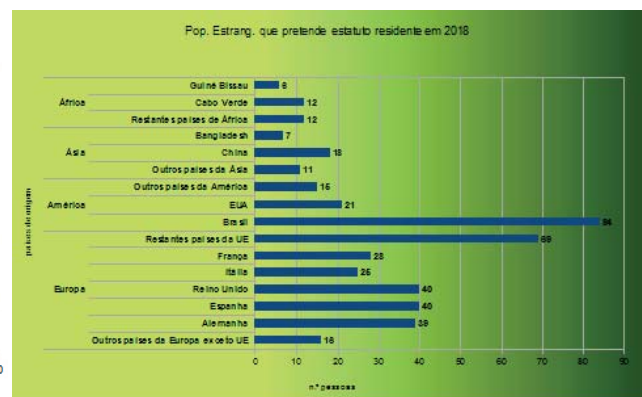
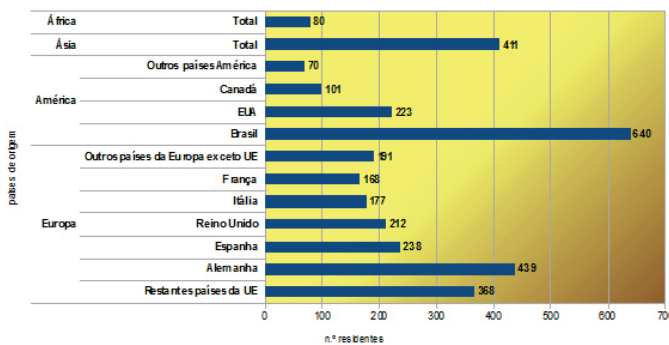


José Gabriel Ávila\*  
jgazores@gmail.com

## 4 mil estrangeiros residiam nos Açores em 2018 - só brasileiros eram mais de 700

*“Sejam quais forem os motivos que levam os estrangeiros a vir para os Açores, eles são todos bem-vindos. Trazem-nos novas culturas e mundividências, qualificações profissionais e fortalecem o tecido económico. Todos não somos demais para fazermos destas ilhas um espaço de liberdade, de fraternidade e de bem-estar.”*

Pop. Estrang. d' estatuto residente em 2018



As questões demográficas parece terem entrado na agenda dos políticos europeus e nacionais. É um bom prenúncio, pois o envelhecimento da Europa, de Portugal e dos Açores constitui um dos mais difíceis problemas de solucionar, pois está intimamente ligado ao desenvolvimento e ao aumento da pobreza.

É certo que já está na forja um novo conceito de desenvolvimento e uma nova perspetiva de crescimento económico, em resultado da consciência ambiental, das novas tecnologias e do conhecimento científico. Mesmo assim, o progresso far-se-á com gente capacitada para enfrentar os novos desafios, ou seja com uma faixa etária essencialmente jovem e melhor preparada.

Infelizmente, os dados demográficos não são favoráveis. Além de perdermos população, esta é cada vez mais idosa.

Os últimos dados revelados pelo SREA (Serviço Regional de Estatística) davam conta que, em 2018, os Açores tinham uma população estimada em 242.846 habitantes (118 125 homens e 124 721 mulheres), menos 1 016 pessoas que no ano anterior.

Dentre estes, cerca de 4 mil eram estrangeiros de pelo menos 57 nacionalidades. A maioria deles (3 571) tinham estatuto legal. 1 793 são de nacionalidade Europeia. 1 602 são de países integrados na União Europeia a 28, os restantes de outros países europeus. Os alemães são o maior grupo (439), seguido dos espanhóis (238), do Reino Unido (212), dos italianos (177) e dos franceses (168). Há também 92 cidadãos dos Países Baixos, 76 ucranianos, 49 suíços e 46 belgas.

Os dados do SREA, inseridos no Anuário Estatístico de 2018, não sinalizam nem em que ilha e concelho residem, ou o que fazem, o que seria interessante para analisar as preferências e atividades desses cidadãos.

Do continente americano residem legalmen-

te entre nós 1 034 cidadãos, mais de metade dos quais são oriundos da América Central e do Sul, nomeadamente do Brasil (640). Dos EUA são 223 e do Canadá 101.

Há ainda 411 cidadãos asiáticos com estatuto legal de residentes, provavelmente - as estatísticas não o revelam - oriundos da China e do Bangladesh, países a cuja nacionalidade pertencem também outros cidadãos que solicitaram autorização de residência em 2018.

A emigração de cidadãos africanos para os Açores não tem grande expressão. Em 2018, residiam entre nós apenas 80 africanos, a maioria naturais da Guiné-Bissau (36), Moçambique (13) e São Tomé (9). Curiosamente não há qualquer referência nem a cabo-verdianos nem a angolanos.

Há porém uma dúzia de cidadãos naturais de Cabo Verde que, nesse ano, requereram o estatuto de residente, entre os 30 africanos.

Ao todo, 444 indivíduos (221 homens e 223 mulheres) solicitaram esse estatuto para viver no arquipélago.

O maior número procedente da União Europeia, nomeadamente da Espanha (40), Reino Unido (40), Alemanha (39), França (28) e Itália (25).

Do outro lado do Atlântico, 84 brasileiros requereram também residência legal, juntamente com 21 norte-americanos.

Mais reduzido (36) é o número de asiáticos que pretendiam residir legalmente nos Açores. Sem mencionar o que pretendiam fazer e onde residir (o que seria da maior vantagem para se analisar o mapa demográfico dos Açores) o estudo revela que se trata de cidadãos chineses (18) e do Bangladesh (7), provavelmente para se dedicarem ao comércio, como sucede com os outros asiáticos.

O arquipélago não deverá atrair um fluxo migratório assinalável de gente em idade ativa,

oriundos de países mais populosos ou desenvolvidos.

Para pessoas da terceira idade, sim, desde que a oferta de cuidados de saúde seja de qualidade. Se tal acontecer, estou convencido de que muitos profissionais dessa área regressarão ao arquipélago, e outros mais arrastarão consigo, acrescentando mais valor ao tecido económico e social.

É isso que falta nas ilhas mais envelhecidas.

Nos séculos XVI e XVII, «No curto período de 8 anos assistiu-se, pois, à saída de cerca de 2500 homens, jovens, facto que, com certeza, teve reflexos na evolução demográfica açoriana. Se acrescentarmos a estes os cerca de 500 casais [um casal era constituído por 5-7 pessoas], também jovens, que na primeira metade do século XVII foram transportados para o Brasil, ficamos perante uma saída de cerca de 5% da população açoriana de então [estimada em cerca de 100 mil habitantes]»<sup>1</sup>

Será que a opção de brasileiros pelos Açores é um retorno às origens dos antepassados de alguns deles ou, antes, é um trampolim para a entrada no velho continente, onde muitos ambicionam trabalhar e viver? Só um inquérito ao maior grupo de estrangeiros residentes no arquipélago poderá dar essa resposta.

De qualquer modo, sejam quais forem os motivos que levam os estrangeiros a vir para os Açores, eles são todos bem-vindos. Trazem-nos novas culturas e mundividências, qualificações profissionais e fortalecem o tecido económico. Todos não somos demais para fazermos destas ilhas um espaço de liberdade, de fraternidade e de bem-estar.

\*jornalista c.p. 239 A  
escritemdia.blogspot.com

<sup>1</sup>CORDEIRO, Carlos e MADEIRA, Artur. *A EMIGRAÇÃO AÇORIANA PARA O BRASIL (1541-1820) - uma leitura em torno de interesses e vontades*, ARQUIPÉLAGO • HISTÓRIA, 2ª série, VII